

POR QUE NÃO PEDIBÓLA? VISITA ÀS CONSULTAS DA REVISTA DE LÍNGUA PORTUGUESA DE LAUDELINO FREIRE (1921)

SOL POSTO, Ianne karoline Almeida.
ianne@bol.com.br

GALLY, Christianne de Menezes. (Orientadora)
Graduada em Letras, Especialista em Língua Portuguesa, Mestre em História da Educação, Prof^ª do curso de Letras da Universidade Tiradentes - UNIT, Prof^ª do Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe e Especialista de Língua Portuguesa do FNDE/MEC.
Chrisfreitasgally@yahoo.com.Br.

RESUMO

A Revista de Língua Portuguesa dirigida por Laudelino Freire foi publicada no período entre 1919 e 1935, bimestralmente. Contava ela com a colaboração de gramáticos e filólogos considerados “puristas”, ou seja, aqueles que lutavam pelas regras da língua portuguesa. Dessa forma não admitiam os estrangeirismos, principalmente os galicismos e anglicismos, e os usos populares da língua. O objetivo desse artigo, portanto, é analisar a seção de “Consultas” da Revista de Língua Portuguesa, descrevendo as dúvidas mais recorrentes no ano de 1921. As revistas utilizadas foram as de n. 09 e 10, correspondendo, assim aos bimestres janeiro/fevereiro e março/abril. Dentre todas as questões analisadas, uma chamou a atenção: a substituição da palavra futebol por pedíbola. Assim, percebe-se que a luta pela nacionalidade de uma língua, ainda que pura, estava latente neste periódico.

POR QUE NÃO PEDIBÓLA? VISITA ÀS SEÇÕES DA REVISTA DE LINGUA PORTUGUESA DE LAUDELINO FREIRE (1921)

O presente artigo tem o objetivo de descrever a seção de Consultas da Revista de Língua Portuguesa, dirigida por Laudelino Freire. Dessa forma, analisar-se-ão dúvidas mais frequentes deste período, as quais centram suas preocupações e os desafios enfrentados pelos intelectuais puristas, filólogos, gramáticos e lingüistas, em face da influência operada na língua portuguesa pelos estrangeirismos e da dificuldade, por parte, da população, em seguir os ditames e a norma culta que rege a Língua materna, outrora observadas com rigor da língua escrita.

DA REVISTA DE LÍNGUA PORTUGUESA

A publicação intitulada Revista de Língua Portuguesa fora publicada durante o período de setembro de 1919 a março de 1935, bimestralmente. Dirigida por Laudelino Freire e contando com a colaboração de iminentes gramáticos, o periódico era composto por diversas seções: Consultas, Questões de Português, Artigos, Biografias, etc. Ressalte-se que excepcionalmente, em algumas edições não foram publicadas a seção de consultas, diga-se de passagem, uma das mais solicitadas pelo público leitor, sobretudo pelo caráter esclarecedor no tocante às dúvidas sobre a língua pátria. Nesse sentido, tais dúvidas quase sempre eram respondidas à luz de citações de autores portugueses.

LAUDELINO DE OLIVEIRA FREIRE

Laudelino de Oliveira Freire¹ foi advogado, jornalista, professor, político, crítico e filólogo. Nascido a 26 de Janeiro de 1873, na cidade de Lagarto / SE, fora aluno da Escola

¹ Biografia de Laudelino Freire retirada do site www.academia.org.br

Militar do Rio de Janeiro, tendo interrompido o curso por doença. Formou-se em Direito em 1902. Além de advogar, exercera cargos públicos, o magistério e o jornalismo, cujas colaborações junto à imprensa de então, ocorria com a utilização dos pseudônimos Lof e Wulf.

Quanto aos cargos eletivos que exercera, Laudelino destacou-se ao cumprir três mandatos como Deputados estadual na Assembléia Legislativa de Sergipe; tendo depois fixado residência na cidade do Rio de Janeiro. Durante sua vida na cidade maravilhosa, fora professor catedrático da Escola Militar, tendo ali lecionado disciplinas, como: Português, Espanhol, Geografia, História e Geometria. Nesse período consolidara sua atuação e carreira como escritor, jornalista, e filólogo.

A atuação de Laudelino Freire como jornalista esteve relacionada com suas atividades como diretor da Gazeta de Notícias, tendo atuado como colaborador em outros jornais tais como: Jornal do Comércio e o País. Sua produção literário-jornalística, nessa fase, fora reunida em Notas e perfis, compondo 11 volumes correspondentes ao período de 1925-1930, cuja tônica presente em cada um deles “fazia reluzir a bagagem cultural reveladas pelas e nas idéias de Laudelino Freire, um dos maiores dos estudos clássicos em filologia do Brasil”.

Ainda em 1918, Laudelino Freire é o responsável pela fundação da Revista da Língua Portuguesa, sendo seu diretor, ocasião em que faz publicar trabalhos de alto valor literário e filológico, como a Réplique de Rui Barbosa. Os seus 68 (sessenta e oito) volumes representam, até os dias atuais, importantes subsídios para uma melhor compreensão da Língua Portuguesa. Também, devem-se, ao jornalista Laudelino Freire a fundação e direção também da Estante Clássica (em 15 volumes). É o autor do grande e novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa, cuja publicação deu-se postumamente em cinco volumes, trabalho realizado com a colaboração de J.L. Campos, Vasco Lima e Antonio Soares Franco Junior.

A figura do intelectual Laudelino Freire representara um dos maiores defensores da postura em prol da simplificação da ortografia brasileira. Tal intento revela-se ao longo das suas obras enquanto escritor e jornalista, valorizando em seu fazer profissional a imensa riqueza historicamente construída da Língua Portuguesa falada e escrita no Brasil.

Em 1920, a convite da Liga de Defesa Nacional, convidara Laudelino Freire para proferir uma conferência intitulada “A defesa da Língua Nacional”, dentro da programação elaborada pelos membros da Liga em prol dos interesses brasileiros. Morre em 18 de junho de 1937 na cidade do Rio de Janeiro.

A SEÇÃO DE CONSULTAS

A seção de consultas está inserida na revista de língua portuguesa de Laudelino Freire. Nesta seção, vários consultores faziam perguntas sobre diversas questões acerca da língua portuguesa. Os questionamentos eram publicados em edições bimestrais. As dúvidas eram respondidas por gramáticos respaldados da época. No título desta seção, há um esclarecimento ao leitor sobre a função e a importância deste espaço na Revista:

A Revista de Língua Portuguesa, no pensamento de ser útil aos leitores, recebe consultas acerca de questões que interessem ao idioma vernáculo; e, com empenho de acertar, procurará dar-lhes adequada resposta. Essas questões ou dúvidas deverão ser-lhe endereçadas em forma concisa e clara, sem meticolosidades impertinentes e importunas, nas quaes realmente se encerrem pontos por esclarecer. Dest’ arte, para satisfazer a cada consulente será incumbido um dos eminentes colaboradores, que se não furtarão de concorrer com as suas luzes para a elucidação das dúvidas”. (REVISTA DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1921,p. 151).

A seção de consultas do ano de 1921 analisadas neste arquivo refere-se aos bimestres janeiro/fevereiro e março /abril.

As dúvidas sobre raros casos eram apresentadas numa linguagem próxima à carta familiar, o que leva a crer que os consulentes sentiam-se à vontade em relação ao uso desse espaço. Em alguns casos, observa-se também a citação indireta do próprio consultor

resumindo a carta do consulente. “Um consulente de juiz de fora, Fernando Gonçalves Penha, bate à porta da revista de língua portuguesa, e quer saber várias coisas” (p.151)

Laudelino Freire, Mário Barreto, P. A Pinto e Ramiz Galvão, expuseram esclarecimentos sobre as dúvidas e os questionamentos quanto à Fonologia (ortografia, acentuação, ortoepia), à morfologia (estrutura e formação de emprego das classes gramaticais), à sintaxe (construção frásica, concordância, regência e colocação pronominal) , a semântica (significado das palavras, homonímia, sinonímia, antonímia e paronímia) e a etimologia (origem e formação das palavras).

Quanto aos consulentes, eles pertenciam à classe dos intelectuais preocupados com o bom falar e escrever da língua materna. Às vezes, eles não se identificavam, às vezes eles apenas assinavam com suas iniciais, o que dificultou um levantamento mais propício a um delineamento do perfil dos mesmos.

Verifica-se que, houve vários questionamentos no ano de 1921. Geralmente, referiam-se ao uso considerado inadmissível porque fugiam às regras do seu falar e escrever bem, exigidos pelos puristas e conservadores da língua portuguesa.

Nesta seção, encontram-se os mais variados temas. Observe a tabela a seguir:

CONSULTAS DE 1921

REFERÊNCIA	CONSULENTE	CONSULTOR	DESCRIÇÃO DA DÚVIDA	ÁREA	EXEMPLOS
Jan/fev de 1921 n. 09	Fernando Gonçalves Penha	Mário Barreto	Como se escreve: dissecação ou disseccção? Para Mário Barreto, têm-se as duas formas: A portuguesa e a latina.	Ortografia	∅
Jan/fev de 1921 n.09	Fernando Gonçalves Penha	Mário Barreto	Se existe a palavra fieldade em português. A resposta é afirmativa.	Etimologia	Filinto
Jan/fev de 1921 n.09	Fernando Gonçalves Penha	Mário Barreto	Acerca da flexão de gênero da palavra primogênita. Mário Barreto diz que o gênero se faz apenas no final do segundo elemento, portanto será apenas primogênita	Morfologia	Alexandre Herculando
Jan/fev de 1921 n.09	Fernando Gonçalves Penha	Mário Barreto	Por que dicionário da terminologia média portuguesa (escrito por Plácido Barbosa) e não dicionário da nomenclatura médica portuguesa? A crítica faz-se no uso da palavra termologia uma vez que se considera uma palavra híbrida (as palavra híbridas geravam críticas dos puristas ⁰ . Para Mário Barreto, esta forma já é aceita e naturalizada pelos lexicógrafos da língua portuguesa.	Semântica	Camilo Castelo Branco, Francisco Adolfo Coelho, Cândido Figueiredo, Rui Barbosa
Jan/fev de 1921 n.09	Fernando Gonçalves Penha	Mário Barreto	Pronúncia da palavra faeton. Prefere-se a pronúncia Faetone (filho do Sol e de Clemene) que passou a designar um espécie de carruagem.	Ortoépia	Camilo Castelo Branco
Jan/fev de 1921	Fernando	Ramiz Galvão	De que maneira se escreve a palavra parhélío ou parélio. Para	Ortografia	Cândido Figueiredo

n.09	Gonçalves Penha		Ramiz, parélio é a melhor grafia, pois em grego esta palavra já existe sem o h. aproveita para explicar a omissão do h na ortografia simplificada.		
Jan/fev de 1921 n.09	Não identificado	Mário Barreto	Incorreções acerca da tradução do francês por Sr. Gonçalves. Os galicismos também são notáveis, como por exemplo, um crucifixo em marfim, onde em português, dir-se-ia um crucifixo de marfim. Uso da preposição	Sintaxe	∅
Jan/fev de 1921 n.09	Não identificado	Mário Barreto	Galicismo. A expressão “esperávamos tomar a revanche” ao invés de “esperávamos tirar a nossa defronta”.	Semântica	∅
Jan/fev de 1921 n.09	Não identificado	Mário Barreto	Galicismo. O uso da expressão “parecia ao facto de tudo” ao invés de “parecia estar ao corrente de tudo”.	Semântica	Camilo Castelo Branco Eça de Queiroz
Jan/fev de 1921 n.09	Não identificado	Mário Barreto	Galicismo. O uso, nas traduções, da expressão “uma linha de conduta” ao invés de “procedimentos”.	Semântica	Heráclito Graça, Silva Túlio; Cândido de Figueiredo; Filinto Elísio.
Jan/fev de 1921 n.09	Não identificado	Mário Barreto	O uso da palavra abat-jour por não haver outra de igual valor na língua portuguesa. Mário acredita que poderá ser substituída por “quebra-luz”.	Semântica	Camilo Castelo Branco
Jan/fev de 1921 n.09	Não identificado	Mário Barreto	O uso, nas traduções do verbo empêcher.	Semântica	∅

Jan/fev de 1921 n.09	Não identificado	Mário Barreto	O uso da expressão “Vestia um pourpoint de tafetá azul”. Crítica ao uso do galicismo pourpoint numa tradução feita por Gonçalves. Deveria ser substituída por gibão.	Semântica	∅
Jan/fev de 1921 n.09	Não identificado	Mário Barreto	Galicismo. O uso da expressão “brochuras sobre o eucalipto, o felosceiro, ao invés de “folhetos sobre o eucalipto e a filoxera”. O uso do gênero masculino para a palavra filoxera, quando se deve usá-la como feminino.	Morfologia	Cândido de Figueiredo
Jan/fev de 1921 n.09	Não identificado	Mário Barreto	Etimologia da palavra fleugma. Defende a ciência da etimologia para criticar a suposição da palavra em questão pelo consulente.	Etimologia	Castelo Aldeões, Sr. João Ribeiro
Jan/fev de 1921 n.09	Ao prof. Assis Cintra	Mário Barreto	Significação da palavra emérito. Esta palavra está empregada de forma incorreta. Porém, é a favor o uso da palavra com significação extensivo.	Semântica	Cândido De Figueiredo Heráclito Graça Cândido Lago.
Jan/fev de 1921 n.09	Não identificado	P. A. Pinto	Emprego do pronome pessoal do caso oblíquo numa situação de referência.	Sintaxe	Carlos de Laert Carthur, Ragaio Nóbrega, Mário Barreto, Silva Ramos, Cândido Lago.
Jan/fev de 1921 n.09	Pe. Luiz Gonzaga M.J.C.	Laudelino Freire	Substituição do anglicismo football por períbola. O Sr. Pe. Gonçalves diz que o futebol não deixa de ser uma monstruosa deformação da palavra inglesa football e propõe para substituir o britanismo football.	Semântica	∅
Mar/abril de 1921 n.10	Um capuchinho de Santo Antônio	Mário Barreto	Qual é a sílaba em que se deve fazer a acentuação tônica da palavra pântano? Mário afirma que o vocábulo pântano deve ser acentuado predominantemente na penúltima sílaba.	Ortografia	Cândido de Figueiredo Gonçalves Viana

Mar/abril de 1921 n.10	Um capuchinho de Santo Antônio	Mário Barreto	O vocábulo Asa não é hemeótopo, isto é, a sua forma não representa dois vocábulos distintos na origem: Ansa e Ala. Mário Barreto diz ironizado o consulente que recorre aos mestres da fonética e da etimologia, que há de notar que asa, é uma palavra latina.	Etimologia	Adolfo Coelho Leite de Vasconcelos, Gonçalves Viana
Mar/abril de 1921 n.10	Um Cauchinho de Santo Antônio	Mário Barreto	Dúvida quanto á etimologia dos vocábulos “preza” e “ouvir”.	Morfologia	Leite Vasconcelos J. I. Nunes
Mar/abril de 1921 n.10	Um capuchinho de Santo Antônio	Mário Barreto	Qual a forma correta de escrever “dura em” ou “de duração”? Para Mário Barreto, duração vem do latim duraline, e dura, de durar, como outros substantivos do mesmo gênero, isto é, tirado diretamente do radical dos verbos.	Etimologia	Dom Frei Amador, Machado de Assis, Quincas Borba, Dom Casmurro
Mar/abril de 1921 n. 10	Não identificado	P.A.Pinto	Etimologia da palavra E Nem. Defende a ciência da etimologia para criticar a suposição da palavra em questão pelo consulente.	Etimologia	Camilo Castelo Branco, J. F. Andrade, B. da Silva

Observa-se, portanto, que as dúvidas se dividem em várias áreas do estudo da gramática. Logo abaixo descreveremos algumas dessas questões.

ORTOGRAFIA

O Consultente Fernando Gonçalves Penha fez vários questionamentos sobre a ortografia. Uma delas refere-se à escrita da palavra dissecação ou disseccção.

Para Mário Barreto, têm-se as duas formas: a portuguesa e a latina. Dissecação, de dissecar, e disseccção de dissectionem, como também temos as duas formas: dissecador, que deriva do verbo português, e outra do radical do supino latino, dissector de dissectum de sissecare. Para Mário:

O Sufixo cção (ação, ição) derivado latim tion (nom. tio, acusat. Tionem), e junta-se a temas verbais para expressar a acção do verbo e o efeito da dita acção. Quase todos os nomes que temos com esta terminação são latinos. Temos, porém, alguns formados em português, quase todos de verbos na primeira conjugação, muito poucos da terceira, e nenhuma da segunda. Os que, se formam de verbos da primeira terminam em ação; e os da terceira em ição.(REVISTA DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1921, n° 09, p. 151)

Penha ainda queria saber qual seria pronúncia da palavra faeton. A palavra usual é fae-ton, que vem do latim, phæton, ontis. Mas, Mário Barreto prefere a pronúncia Faetonte, por se ajustar melhor à forma dos nomes análogos. “Por alusão a Faetonte, filho do sol e de Clemise, segundo a mitologia, é condutor do carro do pai, a palavra passou a designar uma espécie de carruagem. E, pois um nome próprio que se torna um nome comum”. (REVISTA DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1921, n.09, P.154.)

Outra dúvida refere-se a maneira pelo qual a palavra parhélío ou parélio era escrita. Para Ramiz, parélio é a melhor grafia, pois em grego esta palavra já existe sem o h.

Há alguns h que se supõe ser em gregos e com os quais os não se deve ter piedade: são os que acham no corpo das palavras com prefixo, quando a prefixação devia importa-lhes a

queda. Há quem cuide ser mui regular. Esquecem-se de que o espírito áspero, eu se transcreve na derivação por um h como em hélios, o sol, na, afectando nunca senão a primeira sílaba, caia logo que, pela adunção de um prefixo tal sílaba deixava de ser a primeira.” (REVISTA DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1921, n.º9, p. 155)

SEMÂNTICA

No tocante à semântica, constatou-se a presença de críticas às traduções feitas pelo Sr. Gonçalves de uma obra que nós não tivemos acesso, onde utiliza várias expressões francesas.

As críticas foram duras uma delas refere-se à expressão “esperávamos tomar a revanche” ao invés de “esperávamos tirar a nossa defronta” que foi contestada por Mário Barreto. Segundo ele, “Os galicistas, amantes de vocábulos empolados e retumbantes, enamoram-se deste, como se nele descobrissem certa consonância ou harmonia imitava com a terrível vingança ou satisfação do agravo recebido.”(REVISTA DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1921,n.09, p. 156).

Outra crítica foi sobre o uso da expressão “parecia ao facto de tudo” ao invés de “parecia estar ao corrente de tudo”. Para Mário Barreto, maneiras não portuguesas vão estar ao facto de alguma coisa, por: “Pôr ao corrente, informar alguém de uma coisa” (REVISTA DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1921, n.09, p. 156).

Outra tradução feita ao Sr. Gonçalves foi o uso, nas traduções, da expressão “uma linha de conduta”, ao invés de “procedimentos”. O erudito e benévolo Heráclito Graça apadrinhou o vocábulo conduta nos seus fatos da linguagem.

Uns vêem em tudo galicismo e mostram-se excessivamente reclosos e suspicazes; outros como o grande filólogo cujo nome acabo de citar e enclinando-me ante, no seu afan de enriquecer o pátrio idioma, ao outro extremo e empenham-se na defesa de neologismos”. (REVISTA DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1921, n.09, p. 157)

O uso da palavra abat-jour foi também uma das críticas do Sr. Gonçalves, por não haver uma outra de igual valor na língua Portuguesa. Mário Barreto acredita que essa palavra poderá ser substituída por “quebra-luz”. Abat-jour é uma dos mitos estrangeiros de que está esmaltadas as páginas admiráveis do autor.

A relíquia e de prosas bárbaras, onde Mario cita ao Sr. Gonçalves um escritor português, que, sem cair nos excessos do purismo e do classicismo, soube guardar a fidelidade necessária as boas normas da língua, conservadas através da sua evolução; Camilo Castelo Branco, o qual, na suas traduções de francês, e pregou quebra-luz, como equivalente de abat-jour.” (REVISTA DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1921, n.09, p. 158)

Ainda contando com os problemas da semântica, o Sr. Fernando Gonçalves Penha queria saber por que o dicionário da terminologia média portuguesa (escrito por Plácido Barbosa) e não dicionário da nomenclatura média portuguesa? A crítica faz-se no uso da palavra terminologia uma vez que se considera uma palavra híbrida (as palavras híbridas geravam críticas dos puristas). Para Mário Barreto, esta forma já é aceita e naturalizada pelos lexicógrafos da língua portuguesa, uma vez que, apesar de seu vício de origem, está geralmente aceita, naturalizada.

ETIMOLOGIA

No que se refere à etimologia, o Consulente Fernando Gonçalves Penha teve dúvida quanto à existência da palavra fieldade em português. A resposta é afirmativa. A palavra fieldade encontra-se no português arcaico.

Para Mário Barreto, existem duas derivações: a vulgar e a semierudita. A derivação vulgar é aquela que passou pelas leis da evolução do latim ao português, ou seja, palavras populares. Já a derivação semierudita, semidouta ou semiliterária, é aquela que passou por algumas leis fonéticas.

A partir dessa explicação é que ele confirma a existência da palavra fieldade.

Um consulente não identificado questiona sobre a etimologia da palavra fleugma. Para responder a esta questão, Mário Barreto recorre à origem da palavra fleugma, que veio do latim phlegma, pela vocalização do g, formou-se fleuma. Do latim phlegma, pela vocalização do g, formou-se fleima. Ou freima pela permutação do l em r. Desde meados do século passado, que as leis da etimologia portuguesa começaram a ser estudadas com método e formuladas com precisão.

Mário Barreto acredita que, em relação à ortografia, os erros ainda são muito freqüentes. Alguns pedantes latinistas ou helenistas, porém, sob pretexto da etimologia, tentam restabelecer algumas letras supérfluas, onde não mais existem. Portanto, para ele, a letra g em fleugma é um absurdo.

MORFOLOGIA

No que se refere à morfologia, Fernando Gonçalves Penha teve dúvidas acerca da flexão de gênero da palavra primogênita. Indica-se o gênero somente pela vogal final do segundo elemento; primogênito. Este é um dos vocábulos formados de raízes latinas, em que se introduz a vogal -o- em lugar do -i- latino.

Mário Barreto diz que o gênero se faz apenas no final do segundo elemento, portanto será apenas primogênita. Para exemplificar o uso de primogênita, utilizou-se de citações de Alexandre Herculando.

SINTAXE

Na seção de consultas de janeiro/fevereiro de 1921, um consulente não identificado quis saber sobre as incorreções acerca da tradução do francês por Sr. Gonçalves, da expressão

“Um crucifixo em marfim”. Nesta expressão, os galicismos são notáveis, onde em português, dir-se-ia um crucifixo de marfim. Mário Barreto foi enfático na resposta:

Para indicar o uso incorreto da preposição, usurpando o lugar da preposição, tem-se propalado entre nós pela imperícia dos que se dedicam a traduzir, ignorando tanto o idioma de que traduzem como aquele para que fazem a versão. (REVISTA DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1921, n.09, p.155).

CONSULTORES

Em 1921, nos números 09 e 10, somente se encontram quatro consultores para responder aos questionamentos: Laudelino Freire, Mário Barreto, P.A.Pinto e Ramiz Galvão. A seguir traçar-se-á pequena biografia dos colaboradores mais conhecidos.

Ramiz Galvão² (Benjamin Franklin R. G., barão de Ramiz), médico, professor, filólogo, biógrafo e orador, nasceu em Rio Pardo, RS, em 16 de junho de 1846, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 9 de março de 1938. Eleito em 12 de abril de 1928 para a Cadeira n. 32, na sucessão de Carlos de Laet, foi recebido em 23 de junho de 1928, pelo acadêmico Fernando Magalhães.

Filho de João Galvão e de Maria Joana Ramiz Galvão, veio aos seis anos para o Rio de Janeiro. Após os estudos primários no Colégio Amante da Instrução, fez gratuitamente, com o apoio do Imperador, toda a instrução secundária no Colégio Pedro II, bacharelando-se em letras, em 1861. Aos 19 anos escrevia o seu grande livro, O púlpito no Brasil, publicado em 1867. Formou-se em medicina, em 1868. Trabalhou inicialmente como cirurgião no Hospital Militar da Ponta da Armação, abraçando depois o magistério.

Helenista emérito, foi professor de grego no Colégio Pedro II e de química orgânica, zoologia e botânica na Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Não foi somente um mestre que honrou aquelas cátedras, mas um educador cuja longa existência decorreu a serviço do ensino.

² Biografia de Ramiz Galvão retirada do site www.academia.org.br

Gozou da amizade de D. Pedro II desde os anos escolares. De 1882 a 1889, foi preceptor dos príncipes imperiais, netos de D. Pedro II e filhos do Conde d'Eu e da Princesa Isabel. Teve assim ocasião de conviver com o Imperador, que o chamou ao exercício de cargos honrosos. Realmente Ramiz Galvão teve, tanto no Império como na República, ocasião de ocupar vários cargos importantes, graças à sua capacidade de trabalho, valor intelectual e profunda cultura. Por decreto do governo imperial de 18 de junho de 1888, recebeu o título de Barão de Ramiz (com grandeza).

Dirigiu a Biblioteca Nacional e, por duas vezes, foi diretor geral da Instrução Pública do Distrito Federal. Foi também o primeiro reitor da Universidade do Brasil. Nos doze anos em que dirigiu a Biblioteca Nacional, organizou a exposição camoniana de 1880 e a de História do Brasil, no ano seguinte, com os respectivos e preciosos catálogos. Também promoveu a publicação dos Anais daquela repartição. Organizou o Asilo Gonçalves de Araújo, instituição destinada a educar crianças pobres, conforme vontade expressa do seu doador, e foi seu diretor desde 1899 até 1931.

A presença de Ramiz Galvão na história da filologia ficou marcada com o seu vocabulário etymologico, ortographico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da lingua grega, publicado em 1909, suscitando polêmicas vivazes. A mais extremada delas foi com Cândido de Figueiredo, que produziu 22 páginas de críticas, formando quase um capítulo do seu livro Vícios da linguagem médica, também de 1909. Em resposta, Ramiz Galvão deu a lume os Reparos à crítica, em 1910, reunindo artigos então publicados no Jornal do Comercio.

Foi Ramiz Galvão que, em 1904, alvitrou o nome de Silogeu Brasileiro para o edifício construído na Praia da Lapa e onde o governo se propôs a reunir várias instituições culturais, inclusive o Instituto Histórico e a Academia Brasileira de Letras. Só entrou para a Academia em 1928, aos 82 anos. Já havia concorrido em 1912 à vaga do Barão do Rio Branco, quando perdeu para Lauro Müller, motivando isso o afastamento de José Veríssimo

das atividades acadêmicas, inconformado com o resultado do pleito. Fez parte da Comissão do Dicionário (1928), da Comissão de Gramática (1929) e foi presidente (1934) da Academia.

Foi sócio grande benemérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual foi orador perpétuo; membro honorário da Academia Nacional de Medicina e de diversas Associações Científicas e Literárias.

Mário Barreto³, nasceu no Rio de Janeiro, em 17 de março de 1879, foi sua filiação: D. Ana Castelo Branco Barreto e Professor Fausto Carlos Barreto, um dos grandes mestres no Colégio de Pedro II, o qual, com o clássico Carlos Laet, também professor do mais antigo e afamado estabelecimento oficial de ensino secundário, publicou a conchecidíssima Antologia Nacional. Após os preparatórios, feitos no Colégio Militar, do qual veio a ser professor Catedrático de Português, estudou Direito, em que se bacharelou. Mas o diploma não fez desviar-se da direção que vinha tomado, atraído pelos estudiosos de filologia. Não era do seu gosto advogar senão a causa do vernáculo.

³ No colégio de Pedro II exerceu, também, atividades, como professor substituto. Ali, transmitiu valiosos ensinamentos, incluindo-se os de literatura. Seus trabalhos lingüísticos, publicados em livros, são os seguintes: “Estudos da Língua Portuguesa”, “Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa”, “ De Gramática e de Linguagem”, “ Através do Dicionário e da Gramática”, “notas de Leitura”. Verteu e publicou, ainda, com anotações, as “Cartas Persas”, de Montesquieu. Em edição póstuma, feita pela EPASA, apareceram os seus “Últimos Estudos”, com apresentação de Cândido Jucá (Filho). Colaborou na imprensa DIÁRIA DO Rio de Janeiro (em “O Correio da Manhã e “O País), com artigos a respeito de linguagem, espontaneamente ou dando respostas a consulentes diversos. Outrossim, em órgãos especializados de divulgação, como sejam, ‘Revista de Filosofia Portuguesa”, que dirigiu, por falecimento de seu fundador e primeiro diretor, Sílvio de Almeida, e “Revista de Língua Portuguesa”, matinha seção de consultas. Tinha Mário Barreto 53 anos de idade, quando uma bicicleta o atropelou, provocando a sua morte, em 9 de setembro de 1932. ensinou durante a sua vida, tão preciosa para brasileiros e portugueses; depois, ficou lembrado nas suas obras que deixou, luzes de sabedoria, por onde se orientam tantos quantos precisam clarear o caminho de suas dúvidas. Era membro do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.

Foi Mário Castelo Branco um daqueles homens que, no Brasil, mais se interessaram por melhorar o padrão de linguagem do povo, em geral, divulgando lições de utilidade prática e respondendo a consultas que lhe endereçavam. Nele encontraram os curiosos seguro orientador e os mais entendidos sempre aproveitaram dos seus estudos, menos ou mais profundos, no concernente à língua portuguesa.

FUTEBOL OU PEDIBÓLA?

O Pe. Luiz Gonzaga solicitou atenção de Laudelino Freire para expor toda a sua indignação diante do uso da palavra futebol. Para ele, esta grafia era uma “monstruosa deformação da palavra inglesa football”. (REVISTA DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1921, N.09, P.167).

Para que precisaríamos recorrer a esse “feíssimo” anglicismo, quando nosso léxico fornecia material suficiente para nacionalizar este vocábulo?

Pe. Luiz, então, cita várias composições da língua vernácula, como pedicura, pediforme, quadrúpede, etc, a fim de fazer perceber prefixo “pedi” nas palavras que se referiam a “pé”. Daí, a sua proposta: Pedibóla, com acento na penúltima sílaba. Além desse argumento, Gonzaga enumera 6, a saber:

“1. A palavra é *euphonica* e permite que se formem como suas derivadas *jogar pedibóla* ou *pedibolar*, e *pediboladores*, nem menos *euphonicas*;

2. A palavra é de aspecto *internacional*, tanto pelo som como pela composição e detarte não se afasta muito do carácter internacional da palavra *football* (cfr. Allem.: *Fussball*; hol.: *voetbal*, etc.).

3. A palavra, ao mesmotempo é *nacional*. Vejam-se acima outras composições com thema ped. *Bola*, *bolar*, *bolada* são igualmente vocábulos que se usam;

4. A palavra *não pode se confundir* com outras nacionaes. O uso de *péla* ou *pila* em vez de *bola* não permittiria a formação do verbo em – ar, pelo risco de confundir esta forma com os verbos *pelar*, *pellar* e *pilar*;

5. A palavra é “*popularizavel*”. – O uso de *esphera* em vez de *bola* não gozaria nunca dessa popularidade. Contudo o vocábulo *pedisphera* podia ser permitido de quando como synonymo mais erudito de pedibóla, em um relatório de um jogo: *omnis voratio delectat*;

6. A palavra *não é desses hybridismos indesejáveis*. *Pedibóla: pés: (Lat.) + bulla (Lat.)*”. (REVISTA DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1921 N.09, P. 168)

E Laudelino o que respondeu? Apenas comentou que as regras de composição realmente estavam bem colocadas e formadas, por isso fez questão de publicar a referida carta. Mas não se posicionou diante da possibilidade de se acatar a proposta do Sr. Gonzaga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vários foram os assuntos discutidos na Revista de Língua Portuguesa de Laudelino Freire, referente aos meses de janeiro/fevereiro e março/abril do ano de 1921.

A semântica, foi um dos assuntos mais discutidos na seção de consultas da revista de Língua Portuguesa, por ser um estudo da significação das formas lingüísticas.

Os galicismos, invasão de palavras francesas na língua portuguesa, também estavam bastante presentes. Muitos gramáticos discutiam acerca dessa questão. Eles lutavam ardorosamente contra essa invasão, por acreditarem no purismo lusitano.

Mas, não somente os galicistas foram alvo de críticas e resistências. Os anglicismos igualmente também sofreram repressão pelos puristas lingüísticos. Daí, a proposta em se substituir por pedibóla o nosso futebol, que é hoje mundialmente conhecido como um esporte caracteristicamente brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCORT, Liberato. Brasileiro Ilustrado: Sergipanos Ilustrados. Rio de Janeiro, 1913.

GUARANÁ, Armindo. Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano. Rio de Janeiro, 1925.

INFANTE, Ulisses e NICOLA, José de. Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa. São Paulo. Editora Scipione, 1991. 7ª edição.

<http://www.academia.org.br>